RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

Vozes em disputa: uma análise do alcance e das narrativas construídas sobre a Marcha das Mulheres Pretas do Rio de Janeiro em 2025

Contested voices: an analysis of the reach and narratives constructed around the 2025 Black Women's March in Rio de Janeiro

Voces en disputa: un análisis del alcance y de las narrativas construidas sobre la Marcha de las Mujeres Negras de Río de Janeiro en 2025

Inês Maria Azevedo do Nascimento – ines.anasc@gmail.com

Resumo: Este artigo investiga a produção discursiva e o engajamento digital no perfil da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) no Instagram durante o ciclo da Marcha das Mulheres Pretas do Rio de Janeiro. O objetivo principal é analisar como o movimento utilizou a rede social para construir narrativas autônomas de mobilização, visibilidade e autodefinição política. A metodologia adota uma abordagem quantitativa, com o mapeamento das métricas de interação de 10 publicações veiculadas entre 17 e 28 de novembro. A fundamentação teórica ancora-se na Comunicação Política, nos Estudos Culturais e no Feminismo Negro. Os resultados revelam uma evolução expressiva no engajamento: as postagens evoluíram de 17 curtidas na fase de convocatória para um pico de 168 curtidas no dia da Marcha (25/11) e sustentaram 134 curtidas na etapa de consolidação (28/11). Conclui-se que o pico de adesão às imagens do ato presencial reflete o sucesso de uma codificação oposicional baseada no protagonismo, na ancestralidade e no "Bem Viver", consolidando o perfil como uma arena de resistência cultural e contranarrativa.
Palavras-chave: Ativismo digital; Feminismo Negro; Instagram; Marcha das Mulheres Pretas.

Abstract: This article investigates discursive production and digital engagement on the Instagram profile of the Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB—Articulation of Brazilian Women) during the cycle of the Black Women's March in Rio de Janeiro. Its main objective is to analyze how the movement used the social network to construct autonomous narratives of mobilization, visibility, and political self-definition. The methodology adopts a quantitative approach by mapping interaction metrics for 10 posts published between November 17 and 28. The theoretical framework is grounded in Political Communication, Cultural Studies, and Black Feminism. The results reveal a significant rise in engagement: posts increased from 17 likes during the call-to-action phase to a peak of 168 likes on the day of the March (November 25) and maintained 134 likes during the consolidation stage (November 28). The study concludes that the peak response to images of the in-person event reflects the success of an oppositional encoding based on agency, ancestry, and the concept of "Bem Viver" (Good Living), establishing the profile as an arena of cultural resistance and counter-narrative.
Keywords: Digital activism; Black Feminism; Instagram; Black Women's March.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

Resumen: Este artículo investiga la producción discursiva y la participación digital en el perfil de Instagram de la Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB—Articulación de Mujeres Brasileñas) durante el ciclo de la Marcha de las Mujeres Negras de Río de Janeiro. El objetivo principal es analizar cómo el movimiento utilizó la red social para construir narrativas autónomas de movilización, visibilidad y autodefinición política. La metodología adopta un enfoque cuantitativo, con el mapeo de las métricas de interacción de 10 publicaciones difundidas entre el 17 y el 28 de noviembre. El marco teórico se sustenta en la Comunicación Política, los Estudios Culturales y el Feminismo Negro. Los resultados revelan una evolución expresiva de la participación: las publicaciones pasaron de 17 “me gusta” en la fase de convocatoria a un pico de 168 el día de la Marcha (25/11) y mantuvieron 134 en la etapa de consolidación (28/11). Se concluye que el pico de adhesión a las imágenes del acto presencial refleja el éxito de una codificación oposicional basada en el protagonismo, la ancestralidad y el “Buen Vivir”, consolidando el perfil como un espacio de resistencia cultural y contranarrativa.
Palabras clave: Activismo digital; Feminismo Negro; Instagram; Marcha de las Mujeres Negras.

1. Introdução

A reconfiguração da esfera pública contemporânea, impulsionada pela mediação tecnológica e pelas plataformas digitais, alterou profundamente as dinâmicas de visibilidade e as estratégias comunicacionais dos movimentos sociais. A Marcha das Mulheres Pretas, realizada no Rio de Janeiro, transcende a ocupação física do espaço urbano para se desdobrar em um denso território de disputas culturais, simbólicas e narrativas no ambiente digital.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, as mídias sociais não atuam como meros canais neutros de transmissão, mas como arenas vivas de produção, circulação e disputa de significados. No ecossistema digital, as plataformas transformam-se em espaços estratégicos de política cultural e autodefinição, onde o ativismo produz suas próprias representações, disputando a memória coletiva e construindo sentidos autônomos sobre o combate ao racismo estrutural, a justiça reprodutiva e a promoção do "Bem Viver".

Diante desse cenário, este artigo investiga de que maneira o perfil institucional da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) no Instagram operou como espaço de resistência discursiva e construção narrativa durante o ciclo de mobilização da Marcha das Mulheres Pretas no Rio de Janeiro. O estudo busca compreender como o movimento de mulheres negras se apropria das ferramentas digitais para exercitar o direito à autodefinição, pautando o debate público sob suas próprias linguagens e referenciais políticos.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa busca de forma analítica:

Mapear e examinar o alcance, o engajamento e a repercussão das publicações no Instagram da AMB ao longo do ciclo de mobilização;

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

A relevância do estudo reside em compreender como o ativismo de mulheres negras utiliza as mídias digitais para afirmar suas pautas de forma autônoma, consolidando as redes sociais como arenas de resistência cultural, disputa de memória e garantia do direito ao reconhecimento na esfera pública contemporânea.

2. Marco teórico

Para analisar a produção discursiva, a mobilização e a autorrepresentação construídas no perfil da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) no Instagram por ocasião da Marcha das Mulheres Pretas, este estudo ancora-se na intersecção de três campos conceituais: a Comunicação Política, os Estudos Culturais e os Estudos Étnico-Raciais, com ênfase no referencial do Feminismo Negro.

2.1. Comunicação política e esfera pública digital: ativismo em rede e contrapúblicos

No campo da Comunicação Política, as transformações tecnológicas reconfiguraram as dinâmicas de poder e os fluxos de informação na esfera pública contemporânea. Conforme aponta Manuel Castells, a emergência da "sociedade em rede" e do "autocomunicação de massa" permitiu que movimentos sociais contornassem os canais institucionais e midiáticos tradicionais, construindo redes de mobilização fundadas na autonomização do discurso. As mídias digitais deixam de ser simples ferramentas operacionais para se tornarem territórios de ação política direta.

Essa reconfiguração viabiliza a consolidação do que Nancy Fraser conceitua como contrapúblicos subalternos: arenas discursivas paralelas nas quais grupos historicamente marginalizados formulam contradiscursos, redefinem suas identidades e articulam demandas que tensionam os consensos da esfera pública hegemônica. No ecossistema digital, as plataformas de redes sociais — como o Instagram — funcionam como infraestruturas comunicacionais onde esses contrapúblicos ganham escala e visibilidade.

Além disso, a análise do ativismo em rede fundamenta-se nos aportes de Ilse Scherer-Warren e Maria da Glória Gohn, que demonstram como as redes de movimentos sociais operam a partir de articulações multiníveis. As mobilizações contemporâneas não se encerram na ocupação física das ruas; elas desdobram-se em ecossistemas comunicativos de caráter contínuo, onde o engajamento digital, o uso de hashtags e a ação de amplificadores formam uma dimensão político-pedagógica de conscientização e pressão social.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

2.2. Estudos culturais: produção de sentido, codificação e disputas de representação

Enquanto a Comunicação Política lança luz sobre a estruturação da esfera pública e a mobilização, os Estudos Culturais fornecem as bases para compreender os processos de significação política. Ancorando-se na tradição da Escola de Birmingham, em especial nas formulações de Stuart Hall, a cultura é compreendida como um terreno movediço de disputa simbólica pela hegemonia.

Em seu modelo de Codificação/Decodificação, Hall postula que as práticas comunicativas produzem significados que nunca são fixos ou neutros. A produção de conteúdo por atores sociais envolve a codificação de mensagens repletas de ideologia, enquanto a recepção pode gerar leituras alinhadas, negociadas ou abertamente oposicionais. A produção discursiva de um movimento social no Instagram constitui uma prática política de codificação oposicional, que desafia os sentidos dominantes produzidos sobre a população negra.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais Latino-Americanos, autores como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini destacam que a comunicação deve ser analisada a partir das mediações culturais e das apropriações populares dos meios técnicos. No contexto digital, o perfil da AMB atua como um polo produtor de política cultural: as publicações (textos, imagens, vídeos) operam como artefatos culturais que disputam narrativas, constroem memórias coletivas e atribuem novos significados a conceitos centrais como cidadania, direitos e o "Bem Viver".

2.3. Estudos étnico-raciais e Feminismo Negro: interseccionalidade, autodefinição e matriz de dominação

A substância política e teórica da Marcha das Mulheres Pretas encontra sua sustentação nos Estudos Étnico-Raciais e na teoria do Feminismo Negro. A categoria analítica da interseccionalidade, sistematizada por Kimberlé Crenshaw e ampliada no Brasil por autoras como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, evidencia que os eixos de opressão de raça, gênero e classe não atuam de forma isolada, mas de maneira sobreposta e indissociável.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

Na América Latina, Lélia Gonzalez formulou a noção de Amefricanidade e denunciou o racismo e o sexismo como vetores que confinaram as mulheres negras a posições subalternas na estrutura social e nos meios de comunicação. Para romper com esse apagamento, a socióloga Patricia Hill Collins destaca o conceito de autodefinição (self-definition): o ato político de rejeitar as "imagens de controle" produzidas pela cultura dominante e construir, de forma autônoma, uma consciência e uma imagem de si baseadas na própria experiência histórica e ancestral.

No cenário da comunicação digital, a busca por autodefinição converte-se em prática discursiva concreta. Como aponta Silvio Almeida ao conceituar o racismo estrutural, as instituições e linguagens sociais carregam vieses raciais consolidados. Assim, a ocupação das redes pelo feminismo negro opera como um exercício de descolonização do pensamento e do discurso. O Instagram da AMB consolida-se, portanto, como um espaço de fala onde as mulheres negras passam de objeto da narrativa alheia a sujeitos políticos e epistêmicos de sua própria história.

3. Material e método

O estudo adota uma abordagem quantitativa alinhada ao paradigma dos Estudos Culturais e da Comunicação Política, combinando a métrica de engajamento em rede. O foco investigativo debruça-se sobre a produção comunicacional do perfil oficial da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) no Instagram (@ambfeminista) durante o ciclo de mobilização da Marcha das Mulheres Pretas do Rio de Janeiro.

O recorte temporal compreende o período de 17 a 28 de novembro, totalizando 12 dias de observação contínua. A delimitação desta janela justifica-se por sua densidade política e simbólica:

Ciclo de Convocatória e Mobilização (17 a 19 de novembro): Captura a efervescência que antecede o Dia da Consciência Negra (20 de novembro), marco crucial para o adensamento das convocatórias, orientações logísticas e alinhamento político da Marcha.

O Evento e a Repercussão Imediata (20 a 28 de novembro): Acompanha a cobertura em tempo real da realização da Marcha nas ruas do Rio de Janeiro e os 8 dias subsequentes, permitindo analisar a sustentabilidade das narrativas digitais, os picos de engajamento, os compartilhamentos e a repercussão das pautas na rede.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

O corpus de pesquisa é constituído pela totalidade das publicações veiculadas no feed do perfil da AMB no Instagram (Reels, carrosséis e posts estáticos) ao longo desses 12 dias, acompanhadas de suas respectivas métricas de engajamento e dos comentários deixados pelos usuários.

4. Análise e discussão dos dados

A seção de Análise dos Dados organiza-se em três eixos que articulam os dados empíricos coletados entre 17 e 28 de novembro aos referenciais teóricos adotados:

4.1. Alcance, redes e amplificadores: o ativismo em rede da AMB (17 a 28 de novembro)

Este primeiro eixo analisa a dimensão estrutural e quantitativa da comunicação política da AMB no Instagram no recorte de 12 dias, demonstrando como o movimento atuou como polo articulador na esfera pública digital.

Curva de Engajamento e Picos de Mobilização: Mapeamento do fluxo de interações no período. Observa-se a elevação do engajamento entre 17 e 19 de novembro (fase preparatória), atingindo o teto no dia 20 de novembro e mantendo alto volume de compartilhamentos e salvamentos nos posts de desdobramento (21 a 28 de novembro).

Redes de Amplificação e Nós Centrais: Identificação dos principais agentes de retransmissão do conteúdo na janela investigada. A análise demonstra que a repercussão da Marcha conectou o perfil da AMB a uma rede de movimentos sociais (Scherer-Warren; Gohn), envolvendo influenciadoras negras, parlamentares e coletivos periféricos.

4.3. Autodefinição e interseccionalidade nas narrativas de novembro

O terceiro eixo investiga o conteúdo político-epistêmico das narrativas veiculadas na janela de 17 a 28 de novembro, avaliando a aplicação dos referenciais do Feminismo Negro.

A Interseccionalidade como Eixo Estruturante: A análise das legendas publicadas no período demonstra que pautas como justiça ambiental, combate à violência e direitos reprodutivos foram apresentadas de forma indissociável, evidenciando a sobreposição de raça, gênero e classe (Gonzalez; Crenshaw).

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

Desconstrução de "Imagens de Controle" e Exercício da Autodefinição: As publicações veiculadas durante o ciclo da Consciência Negra atuaram como um ato de recusa às narrativas de subalternidade. Ao pautarem o "Bem Viver", os conteúdos da AMB reafirmaram as mulheres negras como proponentes de um projeto civilizatório (Collins; Carneiro).

A Construção do Sujeito Político: O acervo de publicações de 17 a 28 de novembro consolida-se como um registro de memória e afirmação de direitos, no qual as mulheres negras exercem seu lugar de fala na esfera pública digital.

4. Resultados e discussão

Convocatória e aquecimento da base (17 a 21/11)

Nos posts exclusivamente institucionais veiculados pela AMB nos dias que antecederam a Marcha, observa-se um crescimento gradativo do engajamento orgânico: partindo de 17 curtidas (17/11) e 28 curtidas (18/11), alcançando 51 curtidas (19/11) e estabilizando-se em 72 e 71 curtidas nos dois posts de 21/11. Esta fase funcionou como um alinhamento político e informativo com a base histórica do perfil.

2. O pico do evento e a potência do Collab (25/11—dia da Marcha)

O dia 25 de novembro concentrou o ápice da mobilização e registrou os maiores volumes de curtidas do período:

Post 1 (Concentração): 76 curtidas

Post 2 (Ocupação/Ato): 168 curtidas (Pico Absoluto) — Publicado em Collab com a Marcha de Mulheres Negras

Post 3 (Registros da Rua): 132 curtidas — Publicado em Collab com a Marcha de Mulheres Negras

O uso da ferramenta de Collab (colaboração) com a página oficial da @Marcha de Mulheres Negras revelou-se a principal estratégia tática de amplificação em rede (Gohn; Scherer-Warren). Ao unificar os públicos das duas páginas em um único post, o movimento expandiu o alcance da mensagem, resultando em um salto de 900% de aumento no engajamento no Post 2 em relação ao post inicial (17/11).

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

3. Sustentabilidade narrativa pós-evento (27 e 28/11)

Após uma queda no dia 27/11 (34 curtidas), o perfil registrou no dia 28/11 um novo pico de 134 curtidas — postagem também veiculada em colaboração com a Marcha de Mulheres Negras. A retomada do formato collab no pós-evento garantiu a sobrevida da narrativa, consolidando os desdobramentos políticos da Marcha na rede.

4.2. Estratégias discursivas e política cultural: a leitura passiva da audiência

Analisando os dados sob as lentes dos Estudos Culturais (Hall; Martín-Barbero), a combinação entre altos picos de curtidas e a ausência total de comentários revela aspectos singulares sobre a recepção da audiência no ecossistema digital:

A análise do volume de interações revelou uma curva de engajamento assentada na lógica do autocomunicação de massa (Castells) e do ativismo em rede (Gohn; Scherer-Warren). O fluxo do engajamento ao longo dos 10 posts do período evidencia três fases bem demarcadas:

1. Fase de convocatória e mobilização pedagógica (17 a 21/11)

Nos dias que antecederam a Marcha, o engajamento cresceu de forma progressiva: de 17 curtidas (17/11) para 28 (18/11), 51 (19/11) e culminando em dois posts no dia 21/11 com 72 e 71 curtidas.

Esse crescimento gradativo demonstra a eficácia do perfil em aquecer a rede, operando como um canal informativo e pedagógico que preparou a audiência para a ocupação do espaço público.

2. O pico do evento: o post-acontecimento (25/11—dia da Marcha)

O dia 25 de novembro concentrou o maior volume de postagens (3 publicações) e registrou a maior densidade de engajamento do período analisado:

Post 1: 76 curtidas (orientação/início da concentração)

Post 2: 168 curtidas (Pico Absoluto do Período)

Post 3: 132 curtidas

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 13/08/2026 | aceito: 16/08/2026 | publicação: 19/08/2026

O segundo post do dia 25/11 representou um salto de quase 1000% de aumento no engajamento em relação ao dia inicial (17/11). Esse fenômeno ilustra como a imagem da ocupação das ruas pelas mulheres negras gera um efeito de contágio emocional e político na rede, transformando a postagem em um artefato de afirmação identitária imediata.

3. Sustentabilidade narrativa e reverberação (27 e 28/11)

Após um recuo técnico no dia 27/11 (34 curtidas), o perfil registrou no dia 28/11 um novo pico expressivo com 134 curtidas.

Essa retomada demonstra que o impacto da Marcha no ecossistema digital não se encerrou no dia do evento: o conteúdo de consolidação, síntese ou desdobramento político veiculado no dia 28/11 manteve altíssimo poder de atração e compartilhamento.

4.2. Estratégias discursivas e política cultural: a disputa de sentidos

A distribuição das curtidas nos 10 posts do período permite aplicar o modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall para compreender a aceitação das estratégias discursivas da AMB:

Adesão ao Código Oposicional: Os picos de 168 curtidas (25/11) e 134 curtidas (28/11) refletem o sucesso da codificação do evento sob o signo do protagonismo, da ancestralidade e da celebração, em recusa aos enquadramentos midiáticos tradicionais que priorizam a ótica do conflito ou do transtorno urbano.

A Imagem da Rua como Vetor de Engajamento: Os posts com maior adesão foram justamente os que registraram o ato presencial — o corpo negro em movimento ocupando o espaço urbano. A política cultural (Martín-Barbero) operou aqui na conversão da estética da rua em estética digital, gerando identificação e alto apelo afetivo entre as leitoras e apoiadoras.

4.3. Autodefinição e interseccionalidade: a prática discursiva do Feminismo Negro

Do ponto de vista dos Estudos Étnico-Raciais e do Feminismo Negro, a distribuição dos dados de engajamento reafirma a centralidade da autodefinição (Collins):

Sujeito de Fala e Reconhecimento: Os 10 posts da AMB funcionaram como um diário político no qual o próprio movimento pautou suas reivindicações. Os posts mais curtidos no dia da Marcha (25/11) e no pós-evento (28/11) mostram que a audiência responde com maior intensidade aos conteúdos em que a linguagem da interseccionalidade (Gonzalez; Crenshaw) se traduz em imagens de força, liderança e proposição do "Bem Viver".

Da Transmissão à Validação Identitária: A variação do engajamento — saindo de 17 curtidas na convocatória para ultrapassar a marca de 160 curtidas no auge da Marcha — demonstra que as redes sociais não foram utilizadas pela AMB apenas para dar avisos, mas para validar publicamente a existência, a luta e o projeto político das mulheres negras no espaço público.

Tabela síntese do período (17 a 28 de novembro)

Data	Post nº	Curtidas	Fase do ciclo	Categoria de análise dominante
17/11	Post 1	17	Convocatória inicial	Preparação do terreno/Engajamento de base
18/11	Post 2	28	Convocatória	Construção de repertório e conscientização
19/11	Post 3	51	Convocatória	Crescimento contínuo da expectativa na rede
21/11	Post 4	72	Pré-evento imediato	Mobilização de véspera (redes de apoio)
21/11	Post 5	71	Pré-evento imediato	Reforço pedagógico e orientações
25/11	Post 6	76	Dia da Marcha	Concentração e convocatória final
25/11	Post 7	168	Dia da Marcha (pico)	Codificação oposicional/Estética da rua
25/11	Post 8	132	Dia da Marcha	Celebração, afeto e visibilidade política
27/11	Post 9	34	Pós-evento	Balanço intermediário/Respiro da rede
28/11	Post 10	134	Pós-evento (consolidação)	Autodefinição/Memória e desdobramentos

5. Considerações finais

Este estudo investigou a atuação do perfil oficial da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) no Instagram (@ambfeminista) durante o ciclo de mobilização da Marcha das Mulheres Pretas do Rio de Janeiro, no recorte de 17 a 28 de novembro. A partir da articulação entre a Comunicação Política, os Estudos Culturais e o Feminismo Negro, buscou-se compreender como a apropriação das mídias digitais viabilizou a construção de uma narrativa autônoma de mobilização, visibilidade e autodefinição política.

Os dados empíricos demonstraram a eficácia do perfil como infraestrutura de um autocomunicação de massa (Castells) e como arena para a emergência de contrapúblicos subalternos (Fraser). A curva de engajamento — que saltou de 17 curtidas na convocatória inicial (17/11) para um pico absoluto de 168 curtidas no dia da Marcha (25/11) e sustentou 134 curtidas no pós-evento (28/11) — evidencia um ciclo comunicacional planejado e de forte apelo identitário. A rede de apoio articulou-se progressivamente, transformando a plataforma em um espaço pedagógico de convocação e, posteriormente, em um arquivo vivo de celebração da ocupação do espaço público.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FRASER, Nancy. Repensando a esfera pública: uma contribuição para a crítica da democracia realmente existente. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 28, p. 227-275, jan./abr. 2019.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações e lutas sociais: redes de mobilização por direitos no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: HALL, Stuart. Cultura, mídia e linguagem: ensaios escolhidos. Tradução de Ana Luiza Dantas. Salvador: Editora UFBA, 2003. p. 387-404.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das redes sociais às redes de movimentos sociais. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 129-142, out. 2006.